

Fusões e aquisições diminuem 38% no País

Anbima aponta que foram realizadas 24 operações, redução de 31,4% na comparação com o primeiro trimestre do ano passado

As operações de fusões e aquisições no mercado brasileiro totalizaram R\$ 32,7 bilhões no primeiro trimestre deste ano, queda de 38% em relação a igual período de 2010, de acordo com dados da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima).

Foram realizadas ao todo 24 operações, redução de 31,4% na comparação com os 35 negócios anunciados nos três primeiros meses do ano passado.

Em nota, o presidente do Subcomitê de Fusões e Aquisições da Anbima, Bruno Amaral, credita a redução a um movimento normal e esperado após dois semestres consecutivos de atividade recorde.

"O mercado continua aquecido e o ritmo de anúncios deve observar uma rápida recuperação ao longo do ano de 2011", disse Amaral, no comunicado.

VEDETES. Entre os destaques no período está a incorporação da Vivo pela Telesp (Telefônica), que movimentou R\$ 11,3 bilhões. O segundo maior negócio foi a aquisição pela Enscó de participação na Pride Internacional, com volume de R\$ 5,5 bilhões, seguido pela venda da participação da Ashmore Energy na Elektro para a Iberdrola, por R\$ 4,8 bilhões.

Conforme a Anbima, os negócios com volume superior a R\$ 1 bilhão responderam por 88,6% das operações no trimestre.

O volume de aquisições de empresas brasileiras por estrangeiras respondeu pela maior parte das operações, com 49,2% do total dos negócios, o equivalente a R\$ 16,1 bilhões.

O Santander liderou o ranking entre as instituições financeiras que assessoram operações de fusões e aquisições no primeiro trimestre, com volume de R\$ 13,474 bilhões, seguido por Goldman Sachs e HSBC, ambos com R\$ 11,272 bilhões. Em número de negócios, o líder no trimestre foi o Itaú BBA, com sete operações, à frente de Bradesco BBI (4) e BTG Pactual, JP Morgan e Santander, empatados com três negócios cada.

Chineses preferem comprar empresas

Cláudia Trevisan

Só 1% dos investimentos chineses no Brasil confirmados em 2010 são de empresas privadas. Nada menos que 93% das operações foram realizadas pelas poderosas estatais controladas pelo governo central, enquanto as 6% restantes têm como protagonistas companhias pertencentes a províncias e municípios, revela estudo do Conselho Empresarial Brasil China (CEBC).

O levantamento, que será divulgado nesta sexta-feira, calcula que os investimentos confirmados no ano passado somaram US\$ 12,669 bilhões, dos quais 81,6% envolveram a transferência de controle por outras companhias estrangeiras.

"Se subtrairmos a troca de controle, obteremos um número surpreendentemente inferior: US\$ 1,51 bilhão", observa a pesquisa. Em outras palavras, o boom de investimentos chineses registrado em 2010 não significou uma injeção de novos recursos na economia brasileira nem o desenvolvimento de projetos a partir do zero, chamados de greenfield. A grande maioria dos negócios foi de compra de operações que já existiam. A tendência se mantém se forem considerados os US\$ 35,75 bilhões resultado da soma dos US\$ 12,669 bilhões de investimentos confirmados com os US\$ 23,062 bilhões anunciados, mas ainda não

efetivados. Desse total, 67% são relativos a fusões totais ou parciais, 10% se referem a joint ventures e 23% são empreendimentos greenfield, mostra o levantamento.

INVESTIMENTOS. Mesmo sem um impacto econômico imediato, o CEBC ressalta que o aumento dos investimentos em 2010 marca uma mudança na relação entre os dois países, que até então era excessivamente focado no comércio.

Dos US\$ 12,669 bilhões em negócios confirmados no ano passado, 95% se concentram nas áreas de petróleo e gás, agribusiness, mineração e siderurgia. Sergio Amaral, diretor presidente do CEBC, diz que esses investimentos colocam o Brasil na base mundial de fornecimento dos produtos que a China precisa para sustentar seu crescimento e alimentar sua população de 1,3 bilhão de pessoas.

Esse interesse já se reflete na composição da pauta de exportações brasileiras para o país asiático, na qual 80% das vendas são dominadas por três produtos básicos: ferro, soja e petróleo. O estudo mostra ainda que os investimentos anunciados em 2010 e ainda não confirmados indicam o aumento do interesse chinês no mercado interno brasileiro e na inserção no "tecido industrial" do País.

Para Amaral, há uma tendência de diversificação dos negócios e de aumento do peso de setores como telecomunicações e tecnologia. Segundo ele, a expansão dos investimentos do país asiático representa um novo desafio para o País e exige uma estratégia que os direcione para as áreas que mais interessam ao desenvolvimento nacional: "Precisamos de uma política industrial particular para a China." No ano passado, só duas mega operações no setor de petróleo e gás absorveram US\$10,18 bilhões dos US\$12,669 bilhões de investimentos confirmados. Amaral acredita que esse cenário mudou em 2011, o que teria ficado claro durante a visita da presidente Dilma Rousseff à China em abril, durante a qual foram anunciados investimentos de empresas de tecnologia.

Fonte: Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 27, 28 e 29 maio. 2011, Economia, p. A8.